

Logomarca da campanha Lula-Brizola



Esta logomarca está disponível em <http://www.pt.org.br>

A logomarca da Frente UNIÃO DO POVO – MUDA BRASIL foi lançada em São Paulo, destacando as cores da bandeira brasileira.

Os candidatos Lula/Brizola deverão ser apresentados como dirigentes preparados para governar. A campanha pretende ser inteligente e propositiva, além de fazer a crítica ao neoliberalismo de FHC.

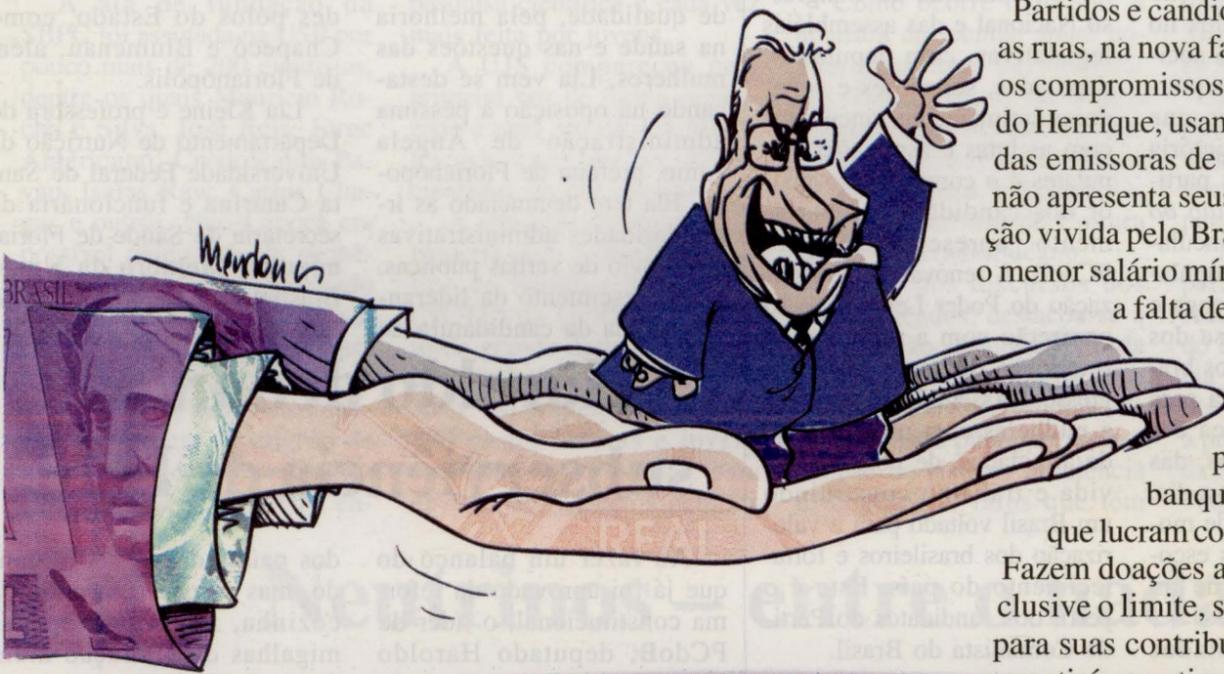
A Classe Operária



R\$ 1,00

Orgão Central do Partido Comunista do Brasil

Doações milionárias mostram a quem serve candidatura FHC



Partidos e candidatos começam a ocupar os meios de comunicação e as ruas, na nova fase que se inicia da campanha eleitoral. Lula divulga os compromissos da coligação União do Povo - Muda Brasil. Fernando Henrique, usando e abusando da máquina governamental e do apoio das emissoras de tevê, rádio e dos jornais para divulgar sua imagem, não apresenta seus projetos de governo. Tenta mascarar a grave situação vivida pelo Brasil e pelos brasileiros, que amargam o desemprego, o menor salário mínimo do mundo, a violência no campo e nas cidades, a falta de condições dignas de ensino e saúde.

Fernando Henrique e seus aliados tentam esconder a origem das verbas milionárias que sustentam sua campanha e os reais interesses que seu governo representa. Os especuladores da ciranda financeira, os banqueiros, os latifundiários e outros setores dominantes que lucram com o Plano Real investem pesado na reeleição de FHC. Fazem doações astronômicas para a sua candidatura - recusaram inclusive o limite, sugerido pelo próprio FHC, de R\$ 300 mil como teto para suas contribuições. Sabem que, se reeleito, Fernando Henrique garantirá a continuidade da política econômica excludente imposta ao país, que beneficia as elites.

Página 3

“Chega de comprometer o futuro do Brasil!”

Manifesto assinado pelo ex-presidente Aureliano Chaves, pelo presidente do PCdoB, João Amazonas, pelo presidente da ABI, Barbosa Lima Sobrinho, além de outras personalidades e entidades democráticas e populares denuncia a privatização criminoso da Telebrás. O documento considera que a privatização significará “a liquidação da indústria nacional de telecomunicações, enquanto as multinacio-

nais cobrarão em reais dos consumidores brasileiros e remeterão dólares para o exterior, reduzindo o país à função de exportador de capitais”. E pergunta: “Por que o governo manipula os números e se apressa agora a entregar a Telebrás por menos da metade do valor previsto inicialmente?”

Leia a íntegra do documento

Página 3



O primeiro-ministro Hashimoto (à direita) renunciou, após derrota do PLD

Comunistas no poder realizam reforma agrária na Índia

O governo do Partido Comunista da Índia em Bengala Ocidental é “como a subida de um dos degraus dessa imensa escada que precisamos escalar se quisermos chegar ao socialismo, ao comunismo”. A afirmação foi feita

pelo ex-governador de Bengala e dirigente do PC da Índia, Biplab Dasgupta, em palestra promovida pelo PCdoB em São Paulo. O PC governa Bengala Ocidental há 21 anos.

Página 5

Partido Comunista cresce no Japão

O Partido Comunista Japonês elegeu 15 senadores, dentre eles seis mulheres, na última eleição, realizada em 12 de julho.

Agora, o PC Japonês conta com 23 representantes no Senado, porque manteve oito cadeiras que não estavam em disputa.

O primeiro-ministro japonês, Hashimoto, renunciou em função da derrota de seu partido, o PLD.

Fundação Maurício Grabois

Página 5



O PCdoB apresenta seus candidatos

O destino do Brasil e dos brasileiros será influenciado pela decisão a ser tomada nas urnas em 4 de outubro. De uma só vez, o eleitor votará para deputado federal e deputado estadual, presidente, governador, senador. Em um momento de tal significado para o país, o PCdoB, integrando a *União do Povo - Muda Brasil*, pede o voto dos brasileiros para Lula e Brizola, candidatos a presidente e vice-presidente da República. O Partido apresenta, também, seus candidatos para a Câmara Federal, e apóia, através das coligações nos vários Estados, candidatos aos governos estaduais e ao Senado da República.

Pela primeira vez na história brasileira, a esquerda apresenta-se unida, já no primeiro turno, na sucessão presidencial. A *União do Povo - Muda Brasil* defende um verdadeiro projeto de salvação nacional, contra as orientações impostas ao país pelas elites dirigentes e seu candidato à reeleição, Fernando Henrique Cardoso. O programa da candidatura Lula-Brizola rompe com as forças do passado e projeta a verdadeira moderni-

zação do país, centrada na defesa dos interesses da grande maioria dos brasileiros, em especial dos que trabalham.

A *União do Povo - Muda Brasil* está sintonizada com os anseios dos trabalhadores e dos que querem um Brasil soberano, independente e com justiça social. Reforma agrária, educação e saúde públicas de qualidade e acessíveis, aposentadoria digna e previdência pública eficiente, segurança e uma política de geração de empregos são compromissos detalhados no programa apresentado à sociedade pela frente de esquerda. São compromissos que dão consequência à trajetória do PCdoB e dos outros partidos que integram a *União do Povo - Muda Brasil*, vinculados com as entidades populares e sindicais, e com longa e histórica ação em defesa dos interesses do Brasil e dos brasileiros. O voto em Lula para presidente da República é a consequência, nas urnas, das batalhas travadas no dia-a-dia, nos locais de trabalho, de moradia, nas fazendas, nas escolas, nas ruas, em defesa de um Brasil para os brasileiros.

Os candidatos apoiados

pelo PCdoB para os governos estaduais vinculam-se, igualmente, a esse projeto maior para o Brasil. O compromisso de Lula e Brizola com o fortalecimento dos Estados, com o respeito à autonomia das unidades da Federação, com a descentralização administrativa darão condições efetivas para os governantes estaduais promoverem o crescimento e desenvolvimento regionais nas diferentes áreas do país.

A valorização do Congresso Nacional e das assembleias legislativas, com deputados, deputadas, senadores e senadoras intimamente vinculados com as lutas e aspirações populares é o compromisso maior dos candidatos ao parlamento apresentados pelo PCdoB. A renovação e valorização do Poder Legislativo só ocorrerão com a presença de lutadores do povo no Congresso e Assembleias. Homens e mulheres com uma história de atividades, de posturas, de vida e trabalho construindo um Brasil voltado para a valorização dos brasileiros e fortalecimento do país. Este é o perfil dos candidatos do Partido Comunista do Brasil.

CANDIDATOS COMUNISTAS

Lia: a marca da oposição

A vereadora de Florianópolis, Lia Kleine, é a única candidata do PCdoB à Câmara Federal no Estado de Santa Catarina. Após a surpreendente votação de 17 mil votos nas eleições de 1994, Lia foi a única mulher eleita vereadora de Florianópolis, em 1996, com mais de 2.600 votos. Foi a mais votada da Frente Popular e uma das mais votadas da cidade.

Como vereadora, seu mandato, além da presença nas comunidades, movimentos populares, nas lutas pela reforma agrária, tem se pautado pela defesa da educação de qualidade, pela melhoria na saúde e nas questões das mulheres, Lia vem se destacando na oposição à péssima administração de Ângela Amin, prefeita de Florianópolis. Ela tem denunciado as irregularidades administrativas e o desvio de verbas públicas.

O crescimento da liderança política da candidatura de



Lia Kleine

Lia pode ser medido pelos lançamentos realizados nas cidades pólos do Estado, como Chapecó e Blumenau, além de Florianópolis.

Lia Kleine é professora do Departamento de Nutrição da Universidade Federal de Santa Catarina e funcionária da secretaria de Saúde de Florianópolis. Membro da União Brasileira de Mulheres, Lia filiou-se ao PCdoB em 1986.

Haroldo denuncia subserviência de FHC

Ao fazer um balanço do que já foi aprovado da reforma constitucional, o líder do PCdoB, deputado Haroldo Lima (BA), afirmou que não vê qualquer avanço nas mudanças de iniciativa do Executivo votadas pelo Congresso Nacional.

"Entendemos que é necessário fazer mudanças para não perder o rumo da história mundial, mas no mérito o governo fez mudanças que o capital estrangeiro impôs", condenou Lima.

Estagnação econômica

Ele explicou que as medidas adotadas pelo governo, ao contrário de fomentar o desenvolvimento nacional, criaram uma estagnação econômica em nome de uma suposta adaptação com os mercados internacionais.

Na sua opinião, o país abriu mão de um modelo desenvolvimentista em favor de uma abertura irresponsável e precipitada da economia brasileira para as nações mais desenvolvidas do planeta. "O que se vê hoje é que tanto o governo Collor como Fernando Henrique Cardoso fizeram tudo para entrar no banquete

dos países do primeiro mundo, mas só que pela porta da cozinha, recebendo apenas migalhas da produção mundial", analisou.

Frente ampla

O PCdoB, segundo Haroldo, aposta no crescimento da chapa Lula-Brizola: "a estratégia da campanha deve expressar uma perspectiva de frente ampla que possa empolgar diversos setores da sociedade", defendeu Lima.

Ele lembrou que as eleições no Brasil poderão ser afetadas pela conjuntura internacional. "Depois do que aconteceu na Rússia, Ásia e, recentemente, no Japão, qualquer alteração nos mercados mundiais pode influir diretamente no resultado do pleito no país". Ele advertiu que o governo federal não possui hoje os mesmos mecanismos adotados nas primeiras crises asiáticas, quando foi adotado o chamado Pacote 5, que implicou na utilização de recursos para fazer frente a crise criada com a queda das bolsas. "O governo brasileiro vive hoje inteiramente sob a dependência do que ocorre na economia mundial", concluiu.

Forró do Gusmão

No dia 9 aconteceu o lançamento da candidatura de Fernando Gusmão à deputado federal pelo PCdoB do Rio de Janeiro. O "Forró do Gusmão", teve a presença de 1500 pessoas e foi animada pelas bandas Mestre Ambrósio e Forroçacana.

Fernando Gusmão foi presidente da União Nacional dos Estudantes e da UJS carioca. Candidato a vereador em 1996 no Rio de Janeiro, obteve mais de onze mil votos.

Estiveram presentes José

Reinaldo de Carvalho, do secretariado do PCdoB; Ana Rocha, presidente do PCdoB/RJ; o deputado estadual Edmilson Valentim; Ricardo Cappelli, presidente da UNE; Juana Nunes, presidente da Ubes; Fabiana Pinto, presidente da UEE/RJ e Orlando Silva, presidente da UJS.

Outros eventos têm contribuído para o crescimento da campanha entre a juventude carioca e reforçado as campanhas de Lula presidente e Garotinho governador nesse setor.

Candidatos cariocas

No último número de **A Classe Operária** foi publicada incompleta a lista de candidatos do Rio de Janeiro. A lista de completa é a seguinte: Para deputado federal, Jandira Fegalli e Fernando Gusmão. Para deputado estadual: Edmilson Valentim, Deise Sanches, Márcio Marques dos Santos, André Luiz Lopes Manhães, Fernando Serpa, Eduardo Fontineli, Luiz Cláudio Maia e Edmundo de Aquino.

Mandela quebra protocolo para se encontrar com Lula

O presidente da África do Sul, Nelson Mandela aproveitou sua primeira visita oficial ao Brasil, dia 21, para reunir-se com o candidato das esquerdas, Luiz Inácio Lula da Silva. O encontro não estava na programação oficial e, mesmo com todas as dificuldades, Mandela fez questão de conversar com Lula. Foi o quarto encontro dos dois líderes.

Lula disse a Mandela que ganhará as eleições e vai visitá-lo em sua primeira viagem como presidente da República. A exclusão social no Brasil e as relações do país com



Mandela e Lula

o continente africano foram outros assuntos da conversa.

José Dirceu, presidente do PT, Critovam Buarque, governador do Distrito Federal, Vicentinho, presidente da CUT, e a senadora Benedita da Silva também estiveram presentes.

Esclarecimentos

1) O PCdoB de São Paulo lançou para deputado estadual João Francelino, conhecido em sua cidade como João Amazonas. Esclarecemos que não se trata do presidente nacional do PCdoB, João Amazonas Pedroso.

2) O presidente do PCdoB de São Paulo, Walter Sorrentino, é 2º suplente ao Senado na chapa Marta governadora e Eduardo Suplicy senador.

EXPEDIENTE
 Diretor e Jornalista Responsável: João Amazonas - Edição: Guiomar Prates (Mtb 7061/31/04v), Pedro de Oliveira (Mtb 9.813 -SP) e Carlos Pompe (Mtb 249/01/123/AL) Estagiária: Gabriela Mendonça.
 Editoração Eletrônica: Sandra Luiz Alves - Administração: Francyrrose de Andrade Matarazzo, publicação quinzenal da Editora Jornalística A Classe Operária - Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - São Paulo/SP - CEP 01318-020 - Fone: (011) 3104 4140
 PCdoB na Internet: <http://www.pcdob.org.br>,
 E-mail: classeop@ruralsp.com.br



Democratas, patriotas e comunistas divulgam manifesto denunciando a privatização criminosa da Telebrás. Ao mesmo tempo, o próprio FHC fica embaraçado com as doações milionárias à sua campanha, evidenciando seus compromissos com o grande capital

Quem financia a campanha de FHC?

Carlos Pompe

A principal peça de propaganda do governo Fernando Henrique Cardoso continua sendo o Plano Real. O governo martela incessantemente as vantagens do fim da inflação (que, na verdade, não acabou, e continua roubando o poder aquisitivo dos salários dos trabalhadores). Silencia, contudo, sobre as demais consequências do plano, como o desemprego que vem lançando ao desamparo milhões de brasileiros.

Mas há quem se beneficie com o Plano Real – e são justamente os beneficiados que estão financiando a campanha de reeleição de Fernando Henrique Cardoso. Após a adoção do Plano Real, os 10% mais ricos da população passaram a ter 48% da renda nacional, enquanto os 10% mais pobres ficaram com apenas 0,8% desta renda. De 1994 a 1997, a rentabilidade das 62 maiores instituições financeiras do país subiu de 12,6% para 16,4%, e seus ativos totais subiram de 162,5 bilhões de dólares para 229,3 bilhões de dólares.

Doações desinteressadas?

São resultados mais do que compensadores para os banqueiros que financiaram a campanha de Fernando Henrique, em 1994. É escandaloso. Temendo repercussões desfavoráveis na atual campanha, FHC chegou a anunciar, no dia 14 de julho, que limitaria as doações financeiras à sua campanha a R\$ 300 mil por contribuinte, provavelmente considerando esta uma contribuição “aceitável e não comprometedor”.

O setor financeiro foi responsável por boa parte das contribuições para a campanha de Fernando Henrique nas eleições de 1994 (veja quadro). E foi justamente o setor financeiro o único beneficiário do Programa de Estímulo à Reestruturação do Sistema Financeiro Nacional (Proer), criado em 1995. O socorro criminoso aos bancos foi denunciado pela oposição e provocou um grande desgaste do governo na opinião pública.

O comando da atual campanha de FHC mostrou o caminho para doações superiores aos R\$ 300 mil indicados



pelo presidente: as contribuições poderiam ser feitas para os comitês de candidatos a governos estaduais e ao parlamento que apoiem a reeleição. “Dessa forma, acreditamos que os doadores possam também contribuir para as demais campanhas”, disse um integrante do governo.

Mas a orientação de FHC, visando evitar especulações de que medidas de governo que venham a ser adotadas num possível segundo mandato tenham como finalidade beneficiar empresas ou setores da economia que tenham participado, financeiramente, de sua campanha, não durou 24 horas. “Os empresários só querem dar dinheiro para o tesoureiro da campanha da reeleição, ex-ministro Bresser”, queixou-se um dirigente partidário que vem acompanhando o esforço de muitos candidatos, no sentido de obter recursos para seus gastos eleitorais.

O próprio ex-ministro Bresser Pereira disse, no dia 15, que não pretende “recusar doações”. E esclareceu: “O Fernando Henrique falou sobre o assunto comigo, mas mostrei a ele que não teríamos como viabilizar esse limite”. Bresser Pereira informou que já recebeu doações acima de

R\$ 300 mil. O tesoureiro não revelou quais foram as empresas e pessoas que fizeram essas contribuições. Um integrante do governo concordou que não se pode fazer nada quando os doadores quiserem dar valores acima de R\$ 300 mil. “No fim da campanha, quando fizermos a prestação de contas, haverá valores maiores do que esse limite”, disse Bresser.

Com uma inocência de fazer inveja ao mais cândido dos anjos, ou com um descomunal desrespeito à inteligência dos brasileiros, Bresser ainda afirmou: “O volume da contribuição não torna o governo devedor de favores. Esta é a regra do jogo, raramente os doadores tentam vincular a contribuição a algum tipo de pedido...”

E enquanto os beneficiários do Plano Real inundam de dinheiro a campanha da reeleição – e rejeitam doar “apenas” R\$ 300 mil –, no Brasil real quase a metade da população economicamente ativa vive com menos de 60 dólares por mês; 23,6% recebe menos de 30 dólares por mês e 17,4% dos brasileiros situam-se abaixo da linha de pobreza, segundo critérios da Organização das Nações Unidas (ONU).

É dando que se recebe

Algumas das doações* feitas ao candidato Fernando Henrique Cardoso, nas eleições de 1994:

Bradesco: R\$ 3,43 milhões	Itamarati: R\$ 543,4 mil
Itaú: R\$ 828,4 mil	Icatu: R\$ 525,4 mil
Unibanco: R\$ 813,9 mil	Bamerindus: R\$ 288 mil
Nacional: R\$ 625,5 mil	Econômico: R\$ 227,7 mil

FHC também recebeu polpudas verbas das empreiteiras. A maior doação foi da Andrade Gutierrez, com R\$ 1,58 milhão. Também foram realizadas doações de mais de R\$ 1 milhão de empresas de telefonia. O maior contribuinte foi a Alcatel Telecomunicações (R\$ 658 mil).

*dados divulgados pelos próprios bancos

Manifesto – Alerta à Nação

Privatização da Telebrás – Governo FHC vende soberania nacional

O governo FHC está preparando o golpe final contra o Sistema Telebrás, ao decidir vendê-lo a grandes grupos multinacionais que passarão a ter completo domínio sobre todas as informações que circulam no território nacional. Este crime contra a soberania nacional representará a entrega de um setor estratégico para o país. Representará, também, um golpe contra o consumidor. As metas de garantir aos brasileiros mais pobres o acesso ao serviço telefônico certamente serão abandonadas, porque as compradoras não trarão recursos próprios suficientes e só investirão à custo de reajuste de tarifas.

É preciso alertar a nação que a venda da Telebrás, a preços vis, significará a liquidação de um sistema eficiente e lucrativo, que investiu quase R\$ 33 bilhões de 95 em diante e que hoje instala um terminal fixo a cada 15 segundos, um acesso celular a cada 20 segundos e um telefone público a cada quatro minutos. Significará a liquidação do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento da Telebrás – um dos cinco mais importantes e avançados do mundo.

É preciso alertar a nação que a privatização do Sistema Telebrás e sua fragmentação em 12 empresas representará não só a renúncia a milhares de empregos qualificados, num momento em que o desemprego, sobretudo entre os jovens, atinge quase 20%, como também a liquidação da única empresa nacional capaz de fazer frente às grandes operadoras multinacionais do setor e colocar as telecomunicações como base para políticas públicas de educação, saúde e desenvolvimento tecnológico a serviço da população. Significará a liquidação da indústria nacional de telecomunicações, enquanto as multinacionais cobrarão em reais dos consumidores brasileiros e remeterão dólares para o exterior, reduzindo o país à função de exportador de capitais.

Por que o governo manipula os números e se apressa agora a entregar a Telebrás por menos da metade do valor previsto inicialmente? Por que essa pressa de vender as empresas a menos de três me-

ses das eleições, quando toda a população vai decidir sobre os projetos apresentados para o país? Que garantias tem a sociedade brasileira de que a lisura do processo eleitoral não será ferida por um ato de tamanhas conseqüências?

Chega de comprometer o futuro do Brasil!

Exigimos a imediata suspensão do processo de privatização do sistema Telebrás – e das empresas estatais estratégicas – antes que esse crime seja consumado, e que a sociedade brasileira possa debater, se manifestar e decidir sobre ela.

Rio de Janeiro, 16 de julho de 1998

Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho (pres. Associação Brasileira de Imprensa e Modecon); Aldo Lins e Silva (advogado); Aureliano Chaves (ex-presidente da República); Francisco Crocco (Capitão, pres. ACIMAR/SP); Gaspar Vianna (Advogado); Hélio Lemos (general, pres. Movimento Nativista); Ivan Frota (tenente brigadeiro do ar – vice presidente Modecon); Katia do Prado Valadares; Maria Augusta Tibiriçá (vice presidente do Modecon); Osny Duarte Pereira (desembargador); Rui Moreira Lima (brigadeiro, presidente ADNAM); Taunay Coelho Reis (general); Zuleide Faria de Melo (presidente do PCB); João Amazonas (presidente do PCdoB); Leonel Brizola (presidente do PDT); Celso Brant (presidente do PMN); Jamil Haddad e Roberto Amaral (presidente de honra e vice presidente do PSB); Valério Arcary (presidente do PSTU); José Dirceu (presidente do PT); Vicente Paulo da Silva (presidente da CUT); Pedro Stédile (MST); UBES; UNE; UEE-RJ; Clube de Engenharia; AEBT/RJ; SINTEL/RJ; FITTEL; FUP; AEEL; AEPET; AMEST; ADUFC; ADUFIMAT; CONAPE; CNDDA; CEPT/RJ; CRSS – 7ª Reg.; COCEARGS; COPRESUL MS; CORECON; CONTMAF; CREA-RJ; CRQ 3ª Reg.; ESGE D. João VI; FMF; Fed. dos Contabilistas RJ, ES e MG; FNTTMFP; Inst. dos Economistas; Inst. Terra e Cidadania – SP; JSB; MFALD; SIDCON; Sindieleto; Sindicato de Engenheiros e Arquitetos; Serv. Pub. Fed. MA e GO; SINDIMETAL; SINDIPETRO/RJ; SINTRES; UNAMIBB



A frente de esquerda no Ceará ampliou seu espectro político, incorporando a candidatura do deputado federal Paes de Andrade, presidente nacional do PMDB, ao Senado. O PCdoB jogou papel fundamental nesta definição

Cresce a oposição no Ceará

Luiz Carlos Antero

Dia 15 de julho foi lançada a candidatura do antigo líder do grupo autêntico do MDB, Paes de Andrade, ao Senado, no Comitê de Imprensa da Assembléia Legislativa cearense, com a presença de um amplo leque de representantes dos partidos oposicionistas e de personalidades. Discursaram dirigentes partidários e parlamentares do PDT, PSB, PT e PCdoB, destacando o momento histórico no qual se constituiu a frente regional voltada para enfrentar o continuísmo e a instabilidade de FHC e do governador Tasso Jereissati.

Batalha nacional

O PCdoB jogou papel fundamental para assegurar o apoio a Paes pela frente de esquerda. O PDT regional resistia aos apelos de Leonel Brizola para que retirasse a candidatura do vereador Hei-

tor Férrer ao Senado. O desejo de Brizola veio no sentido de apoiar o nome de Paes para fortalecer a articulação dos peemedebistas históricos, que derrotaram o apoio formal da legenda a Fernando Henrique, com a frente de esquerda encabeçada por Lula.

O PCdoB cedeu a vaga de vice-governador, que havia assegurado para o médico Lula Moraes na composição da frente estadual de oposição, compreendendo as necessidades oriundas da batalha nacional em curso nos próximos quatro anos. Desse modo, Férrer assumiu a vaga de vice do petista José Airton Cirilo, candidato a governador, e foi definido o apoio a Paes de Andrade.

PSDB dividido

A articulação reforça a candidatura de Lula com o apoio de expressivo contingente dos dissidentes do PMDB à esquerda. Além disso, representa um avanço político no enfrentamen-

to com o projeto neoliberal no Ceará, principal referência administrativa de FHC, onde Tasso e seu restrito grupo de amigos vêm governando desde 1986. Hoje, os cearenses esclarecidos se perguntam se vale a pena para o Brasil a continuação de um projeto que, além de excludente e concentrador de renda, conquistou a posição de segundo lugar em miséria social entre os Estados da República, destruindo a agricultura e ostentando os piores indicadores sociais.

A marca do exclusivismo

Tasso perdeu as duas últimas eleições municipais em Fortaleza. Em 96, o deputado federal Inácio Arruda (PCdoB/CE), que ficou em segundo lugar na disputa pela prefeitura, bateu a candidata tucana Socorro França, com o dobro dos seus votos. Tasso também não conta com o apoio de expressivas lideranças até mesmo do empresariado, que foi se convencendo



da natureza estreita do seu projeto. Contrariou diversas forças no PSDB ao se candidatar à reeleição e ao lançar Luiz Pontes para o Senado – vaga cobiçada por diversos expoentes do tucanato cearense.

Conseguiu deixar insatisfeitos os senadores Sérgio Machado e Lúcio Alcântara; e o empresário Amarílio Macedo, entre outros aspirantes ao cargo de governador. Como exclusivista, sem dúvida é um vencedor.

Arrancada de fôlego de candidata em Bauru

Cláudio Gonzalez

Com a presença de cerca de 600 pessoas e muitas lideranças políticas, a festa de lançamento da candidatura da vereadora Majô Jandreice a deputada estadual surpreendeu até os militantes mais otimistas do PCdoB de Bauru (cidade a 350km da capital paulista).

O evento, realizado em 18 de julho, primou não só pela quantidade e representatividade dos convidados, mas também pela organização. A imprensa local, no dia seguinte, já noticiava a hipótese de eleição da Majô, que disputa o voto dos eleitores de Bauru e região com outros 14 candidatos.

Cerca de 90% das pessoas que compareceram à festa não eram filiadas ao PCdoB, mas lideranças políticas locais, simpatizantes e amigos do Partido e da candidata. Esta amplitude foi o ponto forte do lançamento.

Para Majô, o sucesso da festa teve um duplo sentido. Além do lançamento da can-



Majô: apoio amplo

didatura, foi uma oportunidade para rever velhos amigos das lutas estudantis, do movimento cultural, do movimento sindical e do movimento de mulheres, dos quais participou durante sua trajetória de mais de 20 anos de militância política.

Presença de Aldo

A festa de Majô também serviu para lançar localmente a candidatura do deputado federal Aldo Rebelo, um dos parlamentares que mais visi-

tas fez àquela região e que tem conseguido aprovar várias emendas do Orçamento Geral da União para as cidades de Bauru e Marília.

Além de um buffet servido no local, a festa contou com música ao vivo, performance teatral apresentada pelo ator Vitor Câmara, painéis com materiais de campanha e matérias sobre a candidata publicadas na imprensa.

Foram lidas mensagens de congratulações enviadas por Lula, pela candidata ao governo paulista Marta Suplicy e pelo senador Eduardo Suplicy.

Majô se emocionou ao falar sobre as dificuldades enfrentadas pelos candidatos comunistas nas campanhas eleitorais e ao lembrar o exemplo de luta e abnegação de Maria Lúcia Petit, a guerrilheira do Araguaia cujos restos mortais foram enterrados em Bauru há dois anos.

Foram distribuídos kits com materiais da campanha e origamis em formato de tulipa, símbolo da campanha da Majô.

Ana Teresa Pereira Neto



IIº Seminário Internacional

Deputada Jussara Cony (PCdoB) na abertura dos trabalhos

Barbárie ou solidariedade

Foi realizado, entre 13 a 17 de julho, em Porto Alegre o II Seminário Internacional *Século XXI: Barbárie ou Solidariedade*, que examinou as resistências e as alternativas ao modelo neoliberal e os caminhos para um projeto nacional e popular para o Brasil.

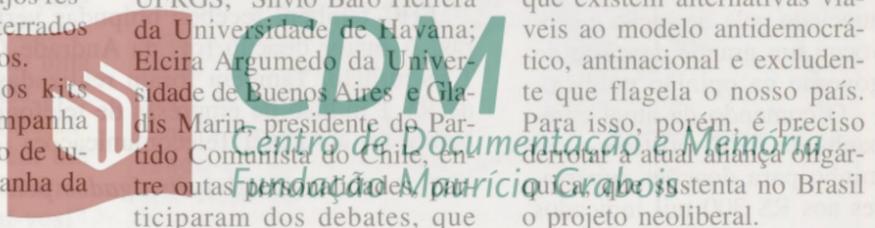
Os professores Biplab Dasgupta da Universidade de Calcutá; Jorge Mattoso da UNICAMP; Severino Cabral da Universidade Cândido Mendes; Bernard Cassen da Universidade de Paris, Diretor Geral do Le Monde Diplomatique; Paulo Vizontini da UFRGS; Silvio Baró Herrera da Universidade de Havana; Elcira Argumedo da Universidade de Buenos Aires e Gladis Marin, presidente do Partido Comunista do Chile, entre outras, participaram dos debates, que

evidenciaram que a globalização neoliberal está na contra-mão da história, tanto do ponto de vista do desenvolvimento social, como do ponto de vista do desenvolvimento econômico.

Ficou claro o crescimento, em todo o mundo, da resistência dos trabalhadores a esse projeto de exclusão social e de submissão nacional.

O encerramento contou com a presença de Leonel Brizola, José Dirceu, Renato Rabelo e José Pinotti no debate "Um Projeto Nacional e Popular para o Brasil".

As discussões constataram que existem alternativas viáveis ao modelo antidemocrático, antinacional e excludente que flagela o nosso país. Para isso, porém, é preciso derrotar a atual aliança burguesa sustentada no Brasil o projeto neoliberal.





A experiência comunista em Bengala

Biplab Dasgupta é ex-governador de Bengala Ocidental é Phd em economia política, formado pela Universidade de Calcutá e pela *London School of Economics*, na Inglaterra; deputado federal e membro do Comitê Central do Partido Comunista da Índia (Marxista). O professor realizou uma palestra em São Paulo, promovida pelo PCdoB, dia 9 de julho.

Segundo Biplab, "há muita coisa em comum entre o Brasil e a Índia. O Brasil é três vezes maior que a Índia, mas nossa população é seis vezes maior que a brasileira. Em ambos os países não há escassez de recursos, tanto no sentido biológico, quanto mineral, ou humano. Nos dois países existe a possibilidade de um desenvolvimento econômico auto-sustentável. Possuímos grandes mercados e tam-

bém uma mão-de-obra qualificada numerosa; uma variedade de recursos minerais e agrícolas que podem ser importantes para sustentar um desenvolvimento industrial."

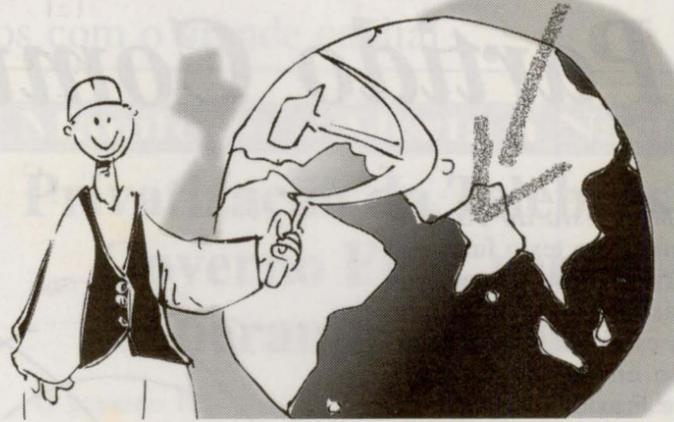
Comunistas no governo, mas não no poder

O dirigente comunista indiano abordou a experiência de Bengala Ocidental, Estado governado por comunistas há 21 anos: "Vocês devem ter reparado que eu tenho dito desde o começo estarmos no governo, mas não no poder. Nós só poderíamos estar no poder se tivéssemos o controle efetivo sobre a polícia, sobre o Exército, sobre a administração, sobre a burocracia e sobre o Judiciário. Dada a estrutura semifeudal e semiburguesa que predomina na Índia, não há muito o que se possa fazer a partir da ocu-

pação de governos estaduais, por intermédio das eleições. Portanto, não podemos instaurar um regime socialista ou comunista nos governos que administramos."

A Índia tem uma população de 60 milhões de pessoas, aproximadamente. Para Biplab, os comunistas no governo tem "tido a possibilidade de fazer muito pouco, face às necessidades do povo. Por isso, até mesmo nós ficamos perplexos e chegamos a nos perguntar: por que as pessoas continuam a votar no Partido Comunista? Isso foi possível porque dizemos abertamente o que podemos e o que não podemos realizar dentro desse sistema."

O ex-governador salienta a atuação na área rural: "Nós implementamos uma política de reforma agrária que foi tão longe quanto possível, den-



tro dos limites permitidos pela Constituição indiana. Conseguimos eliminar todas as propriedades latifundiárias em Bengala Ocidental. Temos pequenos proprietários de terra, fazendeiros no sentido em que vivem na cidade e contratam empregados assalariados no campo para trabalhar nas suas terras, mas não são propriamente latifundiários."

Segundo o dirigente co-

munista, "os camponeses que trabalham a terra em regime de parceria, em Bengala Ocidental, não podem ser expulsos de suas terras, como acontece em outros Estados. E também há limites fixados bem claros de salários mínimos para os trabalhadores agrícolas. Com isso, nós conseguimos dar um fim a esse tipo de exploração semifeudal que existia anteriormente em Bengala Ocidental."

Futebol e outras globalizações

Aldo Rebelo

O futebol moderno está completando seu primeiro século de existência como o esporte mais praticado e assistido no mundo.

Não é um feito pequeno que o Brasil tenha conquistado a hegemonia em esporte tão disputado.

O historiador inglês Eric Hobsbawn, ao fazer um retrospecto das manifestações culturais do século 20, escreveu em sua obra *Era dos Extremos*: "Quem, tendo visto a seleção brasileira em seus dias de glória, negaria a pretensão do futebol à condição de arte?"

A seleção canarinho deixou escapar, no entanto, a oportunidade de tornar-se pentacampeã e termina o século como iniciou, sofrendo derrotas constrangedoras. Em 1921, aliás, um jovem escritor alagoano, Graciliano Ramos, inconformado com algumas dessas derrotas, publicou uma crônica arrasadora num jornal de Palmeira dos Índios, prevendo que o futebol não pegaria nas paragens brasileiras e recomendando ironicamente a prática de esportes mais nacionais, como "o porrete, o cachaço, a queda de braço, a corrida a pé, a pega de bois, o salto, a cavallhada e, melhor de tudo, o camba-pé, a rasteira".

Graciliano estava errado e o futebol pegou, popularizou-se e renovou-se no Brasil. Fomos capazes também de libertar o futebol dos clubes restritos, levando-o para as várzeas, os colégios, os terrenos baldios, em campos de terra batida, com traves impro-



visadas, bolas de borracha, as vezes de meia.

Assim, quando surgiram os campeonatos e os clubes profissionais, as técnicas inovadoras e os craques brancos, negros, mulatos, forjados nos campinhos pobres da periferia, tiveram de ser absorvidos.

Mas do sucesso nasceu a ameaça. À medida que crescia a prática e o público do futebol, aumentavam também os interesses publicitários e empresariais no esporte. Às pressões dos cartolas, às rivalidades dos clubes e às ambições dos jogadores, somavam-se os cálculos de investimento e retorno de poderosos grupos econômicos, complicando ainda mais a prática de um esporte, que

depende do talento individual, mas também, e muito, do espírito de equipe. O fechamento de campos nas várzeas e nos colégios, tudo passou a conspirar para uma homogeneização empobrecedora do jogo.

Quem pode garantir que o futebol não se tornará, no século 21, um jogo feio, de vigor físico, táticas rígidas e jogadas de prancheta? Nessas condições, o futebol brasileiro conservará a primazia? A própria Copa do Mundo continuará como uma competição entre seleções nacionais e escolas distintas do esporte, ou será suplantada por um campeonato de marcas empresariais, como as corridas automobilísticas?

A última Copa mostrou sinais dessa transição preocupante. Mostrou a vitalidade do sentimento nacional, mas evidenciou também a interferência crescente dos patrocinadores. Cresceu o número de técnicos e jogadores a serviço de seleções de outros países. A internacionalização democratizadora e plural do futebol vai sendo substituída, assim, pela mesma globalização desigual e homogeneizada que o grande capital comanda em outros setores da vida contemporânea.

O desafio de preservar o futebol com um esporte popular, internacionalizado,

mas com tradições nacionais diferentes, não é fácil, portanto.

Nenhum patriotismo pode viver apenas de futebol. Para que o futebol brasileiro preserve sua independência e sua beleza, é preciso que sejamos capazes de demonstrar a mesma capacidade de aprender a recriar na agricultura, na indústria, na ciência, nas demais artes, nas formas de nossa convivência democrática. Não podemos ter orgulho de ser brasileiros apenas de quatro em quatro anos.

Jornalista e deputado federal pelo PCdoB/SP

Partido Comunista Japonês elege 15 senadores

Nas última eleição para o Senado no Japão, realizada em 12 de julho, o Partido Comunista Japonês (PCJ) elegeu 15 senadores, dentre eles seis mulheres. O número é o maior da história do partido. Somados às oito cadeiras já existentes, que não entraram na disputa, o PCJ conta agora com 23 representantes no Senado, o que o torna o 2º maior partido no Senado, depois do Partido Democrata do Japão. Com isso, o PCJ alcança o direito de apresentar projetos de lei, acompanhados de uma receita orçamentária.

O partido de Ryutaro Hashimoto, PLD, foi o grande derrotado. Em função dessa derrota, o primeiro-ministro Hashimoto anunciou sua renúncia no

último dia 13, assumindo toda a responsabilidade.

Nas eleições proporcionais o PCJ obteve 8 cadeiras e dobrou sua representação, recebendo mais de 8 milhões de votos.

Na prefeitura de Tóquio, composta por quatro membros, Myio Inone, Presidente da Nova Associação de Mulheres do Japão, foi eleita juntamente com outros candidatos.

O PCdoB enviou mensagem ao PCJ congratulando-se com as vitórias obtidas nas eleições, destacando o fato de que estes resultados atestam o crescimento da resistência dos trabalhadores contra a tentativa de fazer com que os operários paguem o preço pela crise engendrada pelo sistema capitalista.

O Manifesto do Partido Comunista

O Manifesto do Partido Comunista é o texto fundador da teoria marxista e o programa básico do proletariado face à escravidão capitalista. Escrito em 1848, por Karl Marx e Friedrich Engels (ver, ao lado, a coluna *História da luta pelo socialismo*), completou 150 anos em fevereiro último, após incontáveis edições e reedições. O debate desenvolvido por ocasião deste sesquicentenário, em todo o planeta e nas mais diferentes línguas, dá uma idéia da dimensão e atualidade deste pequeno grande livro. Sua leitura e estudo são uma fonte permanente de ensinamentos para todos os militantes comunistas, todos os trabalhadores esclarecidos, todos os homens e mulheres que se interrogam sobre os destinos da humanidade nesta virada de milênio.

As edições atuais do Manifesto costumam incluir os vários prefácios assinados por seus autores. Também eles são muito instrutivos. Ajudam a situar a obra no seu contexto histórico e teórico. Mostram como Marx e Engels tiravam a cada momento novas lições da experiência prática.

No entanto, o leitor iniciante sairá ganhando se saltar os prefácios em um primeiro momento, mergulhando diretamente no texto principal. Ali ele encontrará um estilo simples, fácil e belo, que fala diretamente ao pensamento e ao sentimento dos trabalhadores, um texto engajado e militante, mas, sobretudo, um conteúdo sólido, científico, que parece ganhar atualidade à medida que o tempo passa.

O Manifesto divide-se em quatro capítulos. Um breve exame de cada um deles fornece um bom guia para o estudo da obra em nossos dias.

"Burgueses e proletários"

Marx e Engels proclamam, logo na primeira frase, que a história da civilização humana "tem sido até hoje a história da luta de classes". Acompanham esta luta e descrevem a ascensão da burguesia, até sua vitória em escala mundial, como classe que domina a vida econômica, social, política e ideológica da sociedade moderna.

O Manifesto não esconde

o papel revolucionário que a burguesia teve no passado. Pelo contrário, evidencia que ela "criou maravilhas maiores que as pirâmides do Egito". Faz uma atualíssima descrição da modernidade burguesa, em incessante transformação, onde "tudo que é sólido desmancha no ar". Mostra como a mundialização burguesa "destrói todas as muralhas da China".

No entanto, este mesmo dinamismo sem freios e em escala mundial volta-se contra a burguesia que o gerou. "O sistema burguês tornou-se demasiado estreito para conter as riquezas criadas em seu seio". E o mais importante, ele criou também a força social que há de destruí-lo, a classe dos trabalhadores assalariados modernos, o proletariado. "A burguesia - diz o Manifesto - produz, antes de mais nada, os seus próprios coveiros. Sua queda e o triunfo do proletariado são igualmente inevitáveis".

"Proletários e comunistas"

O texto situa os comunistas como uma parte do proletariado: na esfera prática, a parte mais resoluta; do ponto de vista teórico, a que possui uma compreensão nítida das condições, da marcha e dos fins gerais do movimento. O objetivo imediato é a constituição dos proletários em classe, a derrubada da suprema-

cia burguesa, a conquista do poder político pelo proletariado. O objetivo final, a abolição da propriedade privada burguesa.

Ao fim do capítulo o texto cita, a título de exemplo, algumas medidas imediatas de uma revolução proletária. A primeira é a reforma agrária. A última, o ensino público e gratuito...

A parte sobre "Literatura socialista e comunista" é talvez a que mais sofreu os efeitos do tempo, mas serve como exemplo de delimitação teórica de campos com outras correntes atuantes no movimento operário da época. Já o capítulo final analisa o quadro político da época em cada país. Toma posição, com flexibilidade e amplitude. Destaca que "os comunistas combatem pelos interesses e objetivos imediatos da classe operária, mas, ao mesmo tempo, defendem e representam, no movimento atual, o futuro".

E ao final, a conclamação que correu o mundo nestes 150 anos: "Os comunistas proclamam abertamente que seus objetivos só podem ser alcançados pela derrubada violenta de toda a ordem social existente. Que as classes dominantes tremam à idéia de uma revolução comunista. Os proletários nada têm a perder exceto seus grilhões. Têm um mundo a ganhar. Proletários de todos os países, uní-vos!"



HISTÓRIA DA LUTA PELO SOCIALISMO 4

"Proletários, uní-vos!"

Bernardo Joffily

Em fevereiro de 1848, poucos dias antes da onda revolucionária da Primavera dos Povos, saiu do prelo em Londres uma pequena brochura em alemão, com vários erros tipográficos e tiragem de apenas mil exemplares. O texto fora encomendado pela Liga dos Comunistas - um círculo clandestino formado por meio milhar de artesãos e operários, na maioria alemães. Os autores, cujo nome não aparecia na edição original, eram dois jovens intelectuais alemães - Karl Marx, 29 anos de idade, e Friedrich Engels, 27 anos. Era o Manifesto do Partido Comunista.

O sucesso do Manifesto em um primeiro momento foi tão modesto como sua tiragem, mas cresceu irresistivelmente com o correr dos anos. As traduções e edições se sucederam - em 1869 para o russo, e bem mais tarde, em 1923, para os trabalhadores brasileiros, por iniciativa do recém-fundado Partido Comunista do Brasil. Na Europa e no mundo, os setores mais avançados do proletariado e muitos intelectuais progressistas tomavam consciência de que ali estava um grande livro, um dos maiores se não o maior que a humanidade já produzira.

A luta pelo socialismo transforma-se em ciência

O Manifesto foi a pedra fundamental de todo um vasto edifício teórico que ficou conhecido pelo nome de marxismo (contra a vontade de Marx, que preferia o termo *socialismo científico*). Com ele, a luta dos trabalhadores pelo socialismo elevou-se ao patamar de uma ciência - tendo como ponto de partida o pensamento mais avançado de sua época, a filosofia alemã, a economia política inglesa, o socialismo francês.

Dos filósofos alemães, em especial G. W. Friedrich Hegel, o marxismo tomou a dialética - a concepção que analisa as coisas em seu incessante desenvolvimento, a partir de suas contradições internas. No entanto, pôs a dialética hegeliana "de cabeça para cima", libertando-a de seu vício de

origem idealista, para construir assim sua visão do mundo, o materialismo dialético, e da evolução social, o materialismo histórico.

Em economia, o marxismo partiu do pensamento de estudiosos como Adam Smith e David Ricardo, expoentes da escola clássica. Essa escola, surgida na Inglaterra, berço do capitalismo, estava impregnada de uma concepção burguesa mas chegara a conclusões verdadeiras e importantes, como a teoria do valor. Com base nela, e a partir de outra ótica de classe, Marx e Engels desenvolveram a teoria da mais-valia, desvendando o mecanismo da exploração do trabalho pelo capital.

O socialismo pré-1848 florescera sobretudo na França, onde era maior a experiência revolucionária das massas do povo pobre. O marxismo desenvolveu-o, desvencilhando-o das ilusões utópicas, dotou-o de uma base de classe bem definida, de um programa claro e revolucionário.

A teoria e a prática da revolução proletária

O corpo teórico do marxismo, porém, não parou aí. Desde antes mesmo do Manifesto, Marx e Engels haviam proclamado que "os filósofos até hoje se contentaram em explicar o mundo, mas trata-se agora de transformá-lo".

A jovem ciência da revolução proletária nasceu, portanto, em íntima relação com a prática de sua classe. Acompanhava passo a passo a experiência, a vida e a luta dos trabalhadores, extraindo daí ensinamentos sempre renovados para aperfeiçoar-se - e sempre que necessário corrigir-se. Era um guia para a ação, um método que consistia essencialmente na análise concreta da situação concreta. Daí seu caráter vivo e dinâmico, em permanente desenvolvimento.



Juventude na reunião da SBPC

Fábio Palácio

Ao completar 50 anos, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) mostrou estar mais jovem do que nunca. Essa foi a constatação das quase 13 mil pessoas que estiveram presentes em Natal/RN, onde aconteceu, de 12 a 17 de julho, a 50ª Reunião Anual da SBPC.

A SBPC nasceu há 50 anos para brigar pelo desenvolvimento científico e tecnológico de nosso país. Tem sido voz firme em defesa da soberania nacional e contra quaisquer tentativas de estreitamento da democracia.

A ata de fundação da SBPC foi assinada na USP por pouco mais de 200 cientistas, dentre os quais Maurício Rocha e Silva, José Reis, Jorge Americano, Crodowaldo Pavan, Isaías Raw, Carlos Chagas e outros. Nessa época era possível reunir em um pequeno auditório todo o resultado do esforço do país na formação de recursos humanos para a pesquisa científica.

Em nossos dias, a realidade é bem outra. A criação de um sistema de universidades públicas baseado no tripé en-

sino, pesquisa e extensão e a expansão da pós-graduação brasileira tornaram possível a existência do sistema nacional de ciência e tecnologia, complexo de universidades, institutos de pesquisa e centros de pesquisa e desenvolvimento de empresas públicas e privadas.

Conquista relativamente recente, esse complexo tem apresentado nas reuniões da SBPC o melhor de seus frutos: uma juventude inquieta, disposta a debater as grandes temáticas nacionais e os rumos da ciência no Brasil. Esse fato tem confirmado a realidade de que, em nosso país, a pesquisa científica é cada vez mais feita por jovens.

A UJS compareceu pela primeira vez de forma organizada a uma reunião da SBPC, levando cerca de 100 jovens cientistas de dez estados.

A entidade promoveu, em parceria com o Núcleo Temático do Sertão e Semi-árido (NUTE) da UFRN, um evento de grande destaque: a Reunião de Jovens Cientistas com Aziz Ab'Saber, que reuniu 120 pesquisadores e jovens cientistas de 15 estados, para discutir os "aspectos naturais

e humanos do sertão nordestino e soluções em ciência e tecnologia para o problema da seca", além de "Ciência, Tecnologia e Nação".

Ao final da reunião foi aprovado o Manifesto de Jovens Cientistas à Sociedade Brasileira. O documento foi muito comentado entre os participantes da SBPC e em veículos como a *Folha de S.Paulo* o *Jornal do Comércio de Pernambuco*, a *Tribuna do Norte de Natal* e a *Rádio MEC do Rio*. O texto completo do Manifesto está no site da SBPC na internet.

Eventos

Como ocorre todo ano, a abertura da reunião anual homenageou duas personalidades. Desta vez, os escolhidos foram Sérgio Resende, secretário de Ciência e Tecnologia de Pernambuco, e Ariano Sussana, secretário de Cultura também pernambucano.

Além dos discursos dos homenageados, destacou-se a intervenção do presidente da UNE, Ricardo Capelli, que denunciou o sucateamento da universidade pública e a destruição do sistema de ciência e tecnologia, fatos que têm

barrado o acesso de milhares de jovens talentos à pesquisa científica.

A assembléia geral da SBPC, fórum que esteve impedido de deliberar por mais de três anos pela falta de quórum, contou com presença de 10 jovens cientistas da UJS sócios da SBPC, o que foi decisivo para que a assembléia atingisse o quórum e pudesse deliberar sobre alterações estatutárias. A principal delas reduziu o quórum das assembléias de 132 para 70 sócios quites.

Uma das polêmicas da assembléia foi inserida por jovens cientistas da UJS, ao questionarem documento produzido em conjunto pela SBPC e Academia Brasileira de Ciências (ABC), intitulado "Universidade Pública: Reformular é Preciso". O documento trazia propostas em desacordo com a tradição de pensamento da SBPC.

Mas o evento de maior repercussão acabaria por ser a reunião da Frente em Defesa do Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia, ocorrida no dia 16. A reunião contou com a presença de Luiz Inácio Lula da Silva, que foi aclamado por 700 sócios da SBPC.

Lula expôs na reunião da Frente um documento – que se encontra disponível na internet – com propostas para um planejamento estratégico nesta área. Foi precedido por cientistas como o biólogo Warwick Kerr (presidente honorário da SBPC) e o físico José Leite Lopes, que declararam apoio à sua candidatura.

Na cerimônia de encerramento da reunião, o presidente da SBPC, Sérgio Ferreira, afirmou a necessidade de investimentos públicos em ciência, como forma de minimizar os efeitos da globalização sobre nosso país.

A UJS constatou que jovens socialistas vão adquirindo o domínio de um movimento com características bem distintas do movimento estudantil. Em uma reunião, de avaliação, aprovou algumas diretrizes: contato com as secretarias regionais da SBPC e com as secretarias estaduais de ciência e tecnologia; filiação dos jovens universitários à SBPC e às suas sociedades científicas afiliadas; ampliação da intervenção para os jovens pesquisadores que, de forma geral, não participam do movimento estudantil.

Neutrinos – entre o nada e o cosmos

Olival Freire Jr.*

A divulgação de resultados de experimentos evidenciando que neutrinos, partículas subatômicas, têm massa não-nula, ganhou certa repercussão na imprensa mundial. Esta repercussão deriva do fascínio que os neutrinos exercem na nossa imaginação, o que se explica pelas ligações entre esta minúscula parte constituinte da matéria e o destino cósmico do universo. Concretamente, no início de junho cientistas japoneses anunciaram, em conferência internacional realizada na cidade de Takayama, denominada Neutrino-98, resultados do denominado "Experimento Super-Kamiokande". Este experimento, que reúne cerca de 120 cientistas de diversas nacionalidades, é realizado no fundo de uma mina, a 1000 metros de profundidade, na qual foi colocado um tanque de 50.000 toneladas de água pura, com cerca de 13.000 fotomultiplicadores em volta para medir 'flashes' de eventuais interações dos neutrinos com átomos da água no tanque.

Os neutrinos que se busca observar têm sua origem em reações nucleares no Sol ou na colisão de raios cósmicos com a atmosfera superior. Milhões deles estão passando a toda hora pela Terra,

mas eles ou não têm massa ou têm uma diminuta, comparada com outras partículas subatômicas, não têm carga elétrica e viajam a uma velocidade quase igual à da luz, e por tudo isto são pouco interativos. De interações tão raras e tão sensíveis decorre a dificuldade de observá-las, e daí a idéia do experimento no fundo de uma mina onde efeitos perturbadores de raios cósmicos estão eliminados. O desafio científico está em evidenciar e medir a massa dos neutrinos, que é aparentemente nula. Os resultados apontam que os neutrinos oscilam, e em Física objetos que oscilam têm massa, a qual pode ser inferida de certas propriedades das oscilações.

O resultado anunciado no Japão parece coroar um esforço de mais de 30 anos realizado por diversas equipes científicas em todo o mundo. Até hoje os resultados não apontavam convincentemente para a existência de uma massa diferente de zero. Tais resultados vão implicar em uma revisão de partes do chamado Modelo – Padrão, que é a teoria que a ciência dispõe para compreender a miríade de partículas subatômicas existentes. Nesta teoria neutrinos devem ter massa nula. A aceitação destes resultados, e o exame de suas

implicações, ainda dependem do crivo de outras equipes científicas que buscam realizar experimentos análogos em outras partes do globo.

Expansão e contração

A medida da massa desta partícula vem sendo acompanhada com grande expectativa pelas suas possíveis consequências em um terreno bem distinto. É que a medida da massa desta partícula de massa quase nula poderá alterar as nossas previsões sobre a evolução do universo em larga escala. O melhor modelo que se dispõe hoje para a cosmogonia, isto é, para o desenvolvimento do universo, é o de um universo em expansão, ou seja, o de um universo onde o próprio espaço-tempo está se expandindo. Este modelo está bem alicerçado na teoria da relatividade geral e em diversas observações astronômicas.

Mas este modelo não é suficiente para prever se o universo continuará indefinidamente em expansão, ou se, em algum momento futuro, ocorrerá uma reversão e ele começará a se contrair. O modelo não pode fazer esta previsão porque não sabemos estimar bem a massa total do universo. Se esta última ultrapassar um determinado valor crítico após a expansão, ocorrerá

uma contração e um eventual colapso. Se ela estiver abaixo deste valor crítico ocorrerá permanentemente a expansão. É aqui que os neutrinos e sua massa nula, ou quase nula, mas ainda desconhecida, entram na história. Como eles existem em uma quantidade expressiva em todo o universo, se eles tiverem um certo valor de massa, a massa total de todos os neutrinos existentes no universo será suficiente para determinar a ulterior contração do nosso mundo.

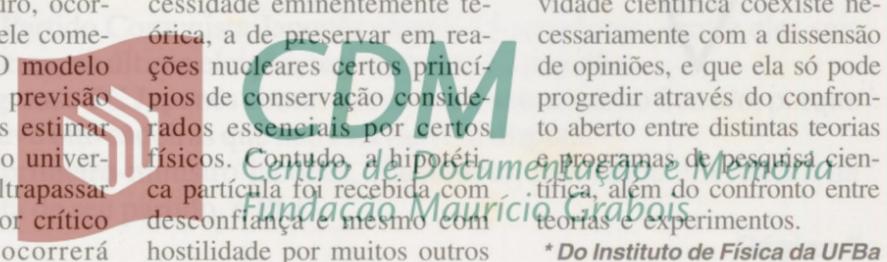
Aqui está, então, uma das explicações para o fascínio exercido pelos neutrinos. É da massa desta partícula minúscula, um quase nada, que depende o destino da evolução do universo em larga escala. Curioso é que os neutrinos, tão influentes na história do universo, têm, eles mesmos, uma história muito interessante e instrutiva sobre a natureza do empreendimento científico. Quando eles foram propostos na década de 30 pelo físico Wolfgang Pauli, eles respondiam a uma necessidade eminentemente teórica, a de preservar em reações nucleares certos princípios de conservação considerados essenciais por certos físicos. Contudo, a hipótese de uma partícula foi recebida com desconfiança e mesmo com hostilidade por muitos outros

cientistas importantes, a exemplo do físico dinamarquês Niels Bohr. Pode-se dizer que os neutrinos só adquiriram carta de cidadania científica bem mais tarde.

Efeito Urca

Ainda no período em que os hipotéticos neutrinos eram vistos com certa desconfiança a ciência brasileira marcou um tento importante exatamente confiando no bom fundamento dessa partícula hipotética. Foi em 1940 que o físico brasileiro Mário Schenberg, junto com George Gamow, explicou o processo de dissipação de energia em certos processos estelares usando a idéia dos neutrinos. Esta explicação foi batizada pelos autores como Efeito Urca numa alusão ao então existente Cassino da Urca, no Rio de Janeiro, que consumia fortunas, assim como os tais processos dissipavam energia. A história dos neutrinos nos alerta para o papel forte das teorias no processo de criação da ciência moderna e contemporânea. Ela nos ensina também que a atividade científica coexiste necessariamente com a dissensão de opiniões, e que ela só pode progredir através do confronto aberto entre distintas teorias e programas de pesquisa científica, além do confronto entre teorias e experimentos.

* Do Instituto de Física da UFBA



BOLEIROS

para entender a dor

Manoel Rangel*

“Era uma vez o futebol”... E a Nike não escalava o time, nem os jogadores chutavam a bola mirando gordas contas bancárias. O juiz já fazia armações, os cartolas cartolavam e os jogadores já tinham o melhor nos pés e não nos seus comentários.

“Era uma vez o futebol”... E os técnicos não se imaginavam únicos responsáveis pelo futebol do time. Os torcedores já escalavam as equipes, mantinham a responsabilidade sobre seus craques e os médicos não sabiam absolutamente nada dos atletas. Os comentaristas esportivos... bom... quem viu um viu todos, não importa o dia, não importa o ano.

Devia ser uma premonição de Ugo Giorgetti, esse **Boleiros**. Sabia que pra curar a dor de um país com crise nervosa apenas uma conversa de botiquim lembrando casos que todos viram e souberam uma, duas, mil vezes, não importa o dia, não importa o time.

A ingenuidade do primeiro gol

Ugo Giorgetti, do mesmo jeito mágico que Taffel, sou-

be pra onde iam aquelas bolas na verdadeira final da Copa do Mundo, sabia que apenas um longo olhar sobre a infância e a ingenuidade do nosso primeiro futebol, seria capaz de explicar a dor, e nos dizer o que sabíamos bem, apesar do transe: onde, como e por que não poderíamos ser campeões do mundo em 1998...

Assim é **Boleiros**. Quatro jogadores, um juiz e um técnico em volta de uma mesa de bar. Seis histórias curtas: Pênalti, Paulinho Majestade, Pivete, Azul, Pai Vavá, Hotel. Os quatro grandes times paulistas: Santos, São Paulo, Corinthians e Palmeiras. A juntar tudo cerveja, melancolia, a cidade transformada e perdida do diretor, os sonhos desfeitos.

Ugo Giorgetti fez a crônica dos boleiros. Seus personagens, imaginários, são um, são mil... São craques, mas não porque a imprensa os fez ou seus agentes cuidaram bem de suas imagens. São craques porque misturados ao barro do terreno baldio, à bola de meia e às porradas dos outros meninos aprenderam a arte de escapar do cerco de onze homens levando consi-

go a bola para, por fim, entregá-la às redes do goleiro adversário.

Quando em suas histórias os craques de **Boleiros** parecem indicar que esqueceram a origem, ou amarelaram, ou esqueceram a responsabilidade com os milhões que não foram escalados para a partida, o diretor convoca um moleque de rua para lembrar onde nasce o futebol brasileiro, ou busca os companheiros de pelada para que lhes digam umas verdades, ou simplesmente convoca os meganhas pra lembrar a linha divisória da cidade que eles ultrapassaram.

Algo se perdeu em nosso futebol

O filme é um clima. Não foi feito para mostrar os grandes lances de futebol, que uma partida ao vivo faz melhor, nem pra tecer loas a este ou àquele inesquecível jogador. O que ele busca e encontra é a certeza que todos temos de que algo se perdeu em nosso futebol. Não foram os craques, que continuam a nascer aos borbotões em nosso país miserável... Não foi a capacidade da arte, que Denilson prova...

Para Ugo Giorgetti, o que



Craque nascido na rua, no episódio Pivete

se perdeu foi o orgulho e com ele a capacidade de firmar um pacto com os brasileiros não escalados para as partidas deste ou daquele time, da seleção. O que mudou foi o padrão e a inspiração...

Os jogadores da nossa infância jogavam pelo prazer de tocar a gorduchinha e empurrá-la para o fundo da rede (qual brasileiro foi goleiro ou zagueiro por escolha própria?). Jogavam pelos amigos de infância que não puderam estar ali, pelos gritos e pela emoção de milhares nos estádios. Trocavam seu êxito em campo por mil corações femininos derretidos.

Hoje, sob outro padrão, jogam para o comentarista e para o melhor ângulo da câmera de TV. Sob outra inspiração jogam para a Coca-Cola, a Nike, a Reebok, para os times estrangeiros, para a comissão técnica. Sabem que não estão no lugar certo... Sabem que podem fazer melhor... Sabem que não deviam estar jogando... Mas... fazem o que o “professor” pediu e o patrocinador mandou, esquecendo o que os pés nas chuteiras de ouro gritam.

Boleiros segue na trilha de **Sábado** e de **Festa**, os outros filmes de Ugo Giorgetti. Sua obsessão é a crônica da cidade, a crônica da vida dos homens que habitam São Paulo. Seu olhar é desesperançado e agora grita pela boca dos seus personagens “cuidado com todo mundo nessa cidade...”

Conversa de bar para curar feridas

O filme impõe a pergunta: pode ser diferente nesses tempos de mando do capital? E responde pela boca dos jogadores na mesa do bar “vai le-

var 100 anos pra mudar”, “parece que muda mas não muda nada... hoje boleiro tem carro, celular, chama técnico de professor, mas não muda nada...”, “tamo tudo é na merda...” E ao dizer assim fala dos milhares de craques que nunca foram descobertos, fala dos milhares de craques descobertos e esquecidos, insinua para quem enxerga que é preciso vencer outro jogo que se desenrola fora do campo.

Como uma conversa de bar pra curar feridas (e **Boleiros** é melhor depois da Copa), pouco importa que o diretor se perca toda vez que sai do bar. Pouco importa que sua câmera não ache jeito de encontrar as multidões ou de lidar com o futebol em si. Importa pouco que sua crônica sobre a arte do futebol não seja ela também uma crônica da arte de filmar futebol (tal qual Garrincha, Alegria do Povo de Joaquim Pedro).

Tudo devidamente ignorado porque o filme ilumina certos mistérios: O que faltou a Roberto Carlos foi uma batida policial a lembrar-lhe quem é... O que faltou a Ronaldinho na fatídica Copa do penta, foi a visita de três companheiros de infância, da Gaviões, que pusessem o dedo na cara do médico, pulassem as grades da sua casa na França, invadissem sua geladeira e o carregassem para as ruas do bairro em que se criou a fim de consultar-se com o Pai Vavá, ou qualquer outro pai, porque do mesmo jeito que o país é pródigo em craques de futebol também o é em pais de santo... Faltou lembrar-se de onde veio...

*Editor da Revista de Cinema Balalaica e secretário de comunicação do PCdoB/SP



Jogadores, juiz e técnico contam casos do futebol paulista

IMPRESSO

CEP 01318-020 - São Paulo - SP

Rua Adonir Barbossa, 53 - Bela Vista

Tel.: (011) 3104 4140



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício de Moraes

